

Boletim

**ASSOCIAÇÃO CULTURAL
FIALHO DE ALMEIDA**



M. CARVALHO - 2017

**NOVEMBRO / 2017 • N.º 2 - II SÉRIE
CUBA**

Sumário

- 1 Editorial
- 3 160 anos do nascimento de Fialho de Almeida
- 6 Fialho de Almeida e a recepção surrealista (nótula à margem dum estudo) António Cândido Franco
- 9 Fialho e as artes: uma óptica deformante Isabel Cristina Mateus
- 21 Decadentismo e Modernidade – aspectos do fantástico em Fialho de Almeida José António Costa Ideias
- 32 Fialho de Almeida: Suicídio ou Morte Natural? Autópsia de uma controvérsia Ricardo Revez
- 41 Notícias de Xavier Vieira a Fialho de Almeida A propósito de uma Carta de Janeiro de 1911 Francisca Bicho
- 45 Noticiário

Boletim da Associação Cultural Fialho de Almeida

N.º 2 - II Série
Novembro/2017

Direcção/Coordenação
Francisca Bicho

Redacção
Apartado 25 - EC Cuba
7940-999 Cuba
ac.fialhodealmeida@gmail.com

Edição
Associação Cultural
Fialho de Almeida
NIPC N.º 504 485 989

Tiragem
500 exemplares

Capa
Manuel Carvalho

Composição/Impressão
BejaGráfica, Lda.
Tel./Fax 284 322 250
7800-440 Beja

Depósito Legal
142 282/99

O Boletim da ACFA está aberto a toda a colaboração, não se responsabilizando, contudo, a Direcção, pela publicação e devolução dos originais não publicados

Editorial

A Associação Cultural Fialho de Almeida (AFA) apresenta o seu BOLETIM, o N.º 2 da II Série, justamente no ano em que se assinalam os cento e sessenta anos do nascimento de Fialho de Almeida.

O formato adoptado segue a linha dos números da primeira série, embora a Direcção admita poder vir a estudar outro no futuro. Desde logo queremos destacar que as capas dos N.ºs 1 e 2 são trabalhos de reflexão de dois amigos, que gentilmente nos ofereceram os mesmos, respectivamente Rui Pereira, de Lisboa, quanto ao primeiro, e Manuel Carvalho, de Vidigueira, no que respeita ao segundo.

Reportando-nos ao aniversário do nascimento de Fialho de Almeida, que ocorreu em 7 de Maio, lembramos que a AFA comemorou a efeméride no dia 5, e da Conferência realizada na Biblioteca Municipal de Cuba, publicamos nesta edição a Comunicação de Isabel Mateus – *Fialho e as artes: uma óptica deformante*; como se pode verificar, a autora fez questão de manter a forma como no momento se dirigiu aos presentes, sempre num discurso de grande proximidade e clareza.

O cartaz igualmente publicado atesta que na mesma data ocorreu uma «*Conversa à volta de Fialho de Almeida*», que teve lugar na Taberna do Arrufa, e contou com a participação de José A. Costa Ideias, Ricardo Revez, e ainda Isabel Mateus, dividindo-se os assistentes – participantes entre os mais informados sobre Fialho e aqueles que visitaram o espaço, foram surpreendidos e ficaram.

Fialho de Almeida e a recepção Surrealista (nótula à margem dum estudo) é a colaboração de António Cândido Franco para este Boletim, que como se entende é «uma nótila à margem dum estudo», por certo em aprofundamento e em relação com o que havia sido a sua intervenção no I Encontro Fialho de Almeida, Cuba, 29 de Setembro de 2016 «*Fialho de Almeida visto por dois surrealistas do século XX (Virgílio Martinho e Ernesto Sampaio)*». Uma outra Comunicação nesse I Encontro do ano transacto foi *Decadentismo e Modernidade – aspectos do fantástico em Fialho de Almeida*. [A construção metonímica no incipit de “O Funâmbulo de Mármore” (*Contos*)], por José A. Costa Ideias, cujo conteúdo podemos editar neste número.

Tendo presente uma temática abordada por Ricardo Revez, publicamos *Fialho de Almeida: Suicídio ou Morte Natural? Autópsia de uma controvérsia*, assunto que tem sido objecto de diferentes interpretações por parte dos que se têm debruçado sobre a morte de Fialho de Almeida. De Francisca Bicho publicamos a breve abordagem a uma carta de Xavier Vieira a Fialho de Almeida, e que constitui o artigo *Notícias de Xavier Vieira a Fialho de Almeida – A propósito de uma Carta de Janeiro de 1911*.

A Direcção viu-se obrigada a não publicar outros artigos que recebeu, o que justifica pela manifesta falta de espaço face à sua dimensão.

Em Noticiário, refere-se a reedição de um Livro da autoria de Joaquim Palminha Silva, e o destaque vai para a Casa do Escritor Fialho de Almeida, Cuba.

A Direcção

Fialho de Almeida e a recepção surrealista (nótula à margem dum estudo)

▪ António Cândido Franco (Universidade de Évora)

A recepção da obra dum escritor depois do seu desaparecimento físico é um dos barómetros mais afinados para se inquirir da sua sobrevivência e até da sua importância como criador. A recepção em jogo tem menos a ver com o número de leitores que com o acolhimento poético nas correntes e nos grupos poéticos subsequentes. Se a sobrevivência dum escritor e dum obra dependessem em exclusivo do número de leitores que mantêm ou das reedições correntes, escritores tão vivos como Bernardim Ribeiro e Sá de Miranda e romances tão decisivos e perfeitos como *O esqueleto* de Camilo a bem dizer hoje não existiam.

Fialho teve, como seria de esperar, uma importante recepção na geração seguinte à sua, a de Raul Brandão (1867-1930) e a de Eugénio de Castro (1869-1944), que dele recebeu um importante legado, quer vocabular quer narrativo. Nas imediatas – a de Teixeira de Pascoaes (1877-1952), a de Aquilino (1885-1963), a de Fernando Pessoa (1888-1935) – o interesse manteve-se e continuou a desenvolver-se em braçadas distintas. Isabel Cristina Pinto Mateus, que chamou a atenção para o que de *moderno* havia na escrita do autor de *Madona de Campo Santo*, estudou já com saber e proveito a presença de Fialho na prosa de Fernando Pessoa, através do *Livro de*

Desassossego de Bernardo Soares e de Vicente Guedes.

Se a prática esteticista, de desrealização do real sensível, é o que melhor caracteriza no seu conjunto a obra de Fialho, fazendo dele o primeiro dos nossos modernos, então é da maior pertinência estudar a recepção que ele teve entre os surrealistas portugueses. Foram estes que, depois do regresso em força das tendências realistas à literatura portuguesa nas décadas de 30 e 40 do século XX, reorientaram a criação poética portuguesa no sentido que a modernidade lhe imprimira com Eugénio de Castro e Raul Brandão.

O surrealismo, pela riqueza e pela absoluta novidade das suas propostas, foi fértil em releituras do passado, reabilitando figuras que as correntes e as gerações anteriores haviam esquecido e afastado. Foi o caso, em França, de Lautréamont (1846-1870), que só veio a ter a atenção devida, e até a primeira reedição das suas obras, no quadro do imenso e entusiástico favor que os surrealistas franceses lhe consagraram. Em Portugal, poetas como Guerra Junqueiro e Teixeira de Pascoaes estão mais ou menos na mesma situação. Antes de o surrealismo os apontar como luminares e precursores, eram poetas subavaliados, conquanto o primeiro tivesse gozado durante grande parte da sua vida dum aura



Fialho de Almeida (por Columbano)

de gigante que no final, com a crítica arrasadora de António Sérgio, empalideceu de repente para não mais se acender até que o olhar retrospectivo do surrealismo a ressuscitou.

O caso de Fialho é distinto. Trata-se dum escritor que na segunda metade da década de 40 do século XX, momento da primeira expressão dum surrealismo organizado entre nós, estava consagrado, até em termos oficiais. Nem era um esquecido nem um

menosprezado. Tinham passado várias décadas sobre a sua morte e o centenário do seu nascimento estava à porta. Demais, a vertente naturalista da sua obra, toda ela voltada para a “kodakização” do real, para usar a expressão que a estudiosa atrás citada consagrou, e que foi o primeiro programa da sua criação, servira, ou estava ainda a servir, os intentos das novas tendências realistas que se afirmavam na literatura portuguesa desde a

década anterior e cujo marco inicial pode ser sinalizado pelo romance de Ferreira de Castro, *A selva* (1930).

Talvez por isso no grande texto da historiografia portuguesa surrealista, “Para uma cronologia do surrealismo em português” (1973), da autoria de Mário Cesariny, Fialho esteja ausente. Nos primeiros “prolegómenos”, que vão de 1880 a 1920, os nomes que o surrealismo português reivindica como sua “guarda avançada” são os seguintes: Camilo Pessanha, Guerra Junqueiro, Gomes Leal, Raul Brandão, Teixeira de Pascoaes, Florbela Espanca, além dos de *Orpheu*, poetas e pintores (Sá-Carneiro, Pessoa, Amadeo, Almada, Raul Leal e Santa Rita Pintor). Fialho não consta, mas Eugénio de Castro, Ângelo de Lima e António Patrício também não. Outras ausências há, como a de António Nobre, mais compreensíveis.

Como quer que seja, a recepção de Fialho no surrealismo português existe e tem destaque. Basta abrir o volume *Antologia do humor português* (1969). Organizada por Ernesto Sampaio e Virgílio Martinho, dois nomes centrais do surrealismo em Portugal, não é à primeira vista uma colectânea apenas constituída pelos surrealistas e seus precursores. Estão lá, porém, Alexandre O’Neill, António Domingues, António Maria Lisboa, Luiz Pacheco, Manuel de Castro, Manuel de Lima, Mário Cesariny, Natália Correia e Pedro Oom, quer dizer, o grosso da hoste que alimentou o surrealismo nas décadas de 40 e 50 do século XX português. A concepção que serve de critério à selecção é ain-

da “surrealista”. Exposta por Ernesto Sampaio no prefácio que introduz a obra (pp. XI-XXV), remete toda ela para a noção de “humor negro”, criada por André Breton no final da década de 30 e aplicada na recolha que então fez e chamou *Anthologie de l’humour noir* (1940), matriz da colectânea portuguesa feita 30 anos depois.

Fialho está lá – recolhem-se dele dois longos fragmentos de *Os Gatos* e um solto, “A volta das roupetas” – e merece da parte dos organizadores uma das mais demoradas notas biográficas (pp. 489-90). A interpretação aí feita do escritor é nova. Percebe-se que as lentes críticas do surrealismo são capazes de revalorizar em Fialho aspectos que até aí ou eram calados ou interpretados de forma diferente. O texto começa assim: “Fialho de Almeida foi um escritor simultaneamente feroz e sentimental. Com ele, o humor português atingiu a medida máxima do pessimismo.”

Esta “medida máxima” é o bastante para se perceber que há um Fialho que só o surrealismo estava em condições de valorizar. É o Fialho que escolheu não se conformar com a miséria mental do seu tempo, fazendo do humor uma forma superior de insubmissão. Só se pode lastimar que ainda não tenha sido feito até hoje, tanto quanto sabemos, o estudo que nos desmonte na sua obra a forma que ela encontrou para criar um cómico assim tão desmedido, que acabou por ser o preço dura liberdade pessoal sem condições que não se sujeitou às limitações do tempo e do meio.